

# *Jornal vê volta à ortodoxia*

LONDRES — Em editorial, **The Financial Times** afirmou ontem que o acordo do Brasil com os credores “indica um bem-vindo retorno às atitudes ortodoxas”, após moratória de 16 meses, da qual o País “não se beneficiou”. E observa: “Ao contrário, as reservas tiveram de ser investidas a juros baixos sob a custódia do Bank for International Settlements para evitar um confisco”. Para o **Financial**, “as operações fora da disciplina imposta pelo FMI meramente deram a impressão de encorajar uma fraca administração econômica”. E arremata: “A experiência brasileira confirma que as experiências heterodoxas, pelo menos quando são mal administradas, acabam sendo contraproducentes”.

“Além disso — acrescenta o jornal —, a situação sugere que ações radicais, principalmente quando planejadas de forma inadequada, não forcem necessariamente os países e bancos comerciais credores a alterar suas posições. A abordagem caso por caso da dívida continua em vigor, apesar da contínua contradição entre a enorme transferência de recursos para o Exterior para pagar os serviços da dívida e a necessidade de novos fundos para restaurar o crescimento.”

O editorial do **Financial Times** afirma ainda que “o Brasil não merece muita simpatia pela maneira como está lidando com os seus problemas da dívida”. O jornal acusa o presidente José Sarney e “seus as-

sessores” a se mostrarem “desnecessariamente em confronto tanto em relação aos bancos quanto ao FMI”. E acrescenta: “Nesse meio tempo, as políticas econômicas foram distorcidas por considerações políticas a curto prazo. Para o jornal, o acordo com os bancos comerciais é “similar aos que já foram negociados com os outros principais devedores da região, o México e a Argentina”. “Resta saber — continua o editorial — como os 700 bancos credores ficarão impressionados com o acordo e, principalmente, se eles irão demonstrar um maior entusiasmo em aproveitar as várias opções para converter e reduzir a dívida brasileira. (...) A imagem do governo está denegrida por escândalos de corrupção.”